



O Gigante Que Nunca Dormiu – Uma Análise das Manifestações de Junho de 2013 em Belém¹

Igor Augusto PEREIRA²

Viviane MENNA³

Faculdade Estácio do Pará – Estácio FAP

RESUMO

Análise e memórias das manifestações que ficaram conhecidas no Brasil como “Manifestações de Junho” no ano de 2013. Questões como a luta contra o aumento da passagem e a luta a favor do Passe Livre Estudantil são abordadas no trabalho a partir das memórias de um líder estudantil que atuou na organização das manifestações em Belém- PA. As táticas de repressão policial e as consequências dessa repressão também são registradas.

PALAVRAS-CHAVE: Manifestações; Passe Livre; Amazônia; Memórias

INTRODUÇÃO

O artigo apresenta as memórias de um líder estudantil que viveu as manifestações conhecidas no Brasil como “Manifestações de Junho” no ano de 2013 em Belém. Reúne dilemas, temores e estratégias vivenciadas no período. Em diálogo com o que era divulgado nas mídias o relato é importante, pois apresenta um contraponto as narrativas conhecidas sobre o evento e disponibiliza uma nova versão dos acontecimentos do ponto de vista das lideranças estudantis.

OBJETIVO

Reunir as memórias deste período tal qual em um diário e sua importância reside em disponibilizar um novo ponto de vista para esta história de resistência e cidadania.

¹ Trabalho apresentado no XIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Norte – Belém – PA – 01 a 03/05/2014

² Graduando do Curso de Comunicação Social – Jornalismo da Estácio FAP

³ Coautora e orientadora do trabalho. Professora do Curso de Comunicação Social da Estácio FAP



JUSTIFICATIVA

O interesse desse trabalho se deu no relato das experiências vividas durante as manifestações que ocorreram em junho do ano de 2013. O fenômeno vivido pela participação massiva do povo nas ruas foi gerou uma série de discussões, teses e artigos que apresentam diferentes pontos de vista. Neste artigo é abordado o ponto de vista de uma liderança estudantil no meio das manifestações.

MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS

A metodologia utilizada foi a abordagem qualitativa e as técnicas de pesquisa etnográfica, analisando os acontecimentos, fatos e a vivência de um líder estudantil que participou das “Manifestações de junho” no ano de 2013. Segundo WIELEWICKI (2011) a pesquisa etnográfica consiste em descrever ou fazer uma análise do comportamento das pessoas e de acontecimentos em um determinado ambiente de uma cultura ou povo específico.

Portanto, parece consensual que a etnografia descreve a cultura de um grupo de pessoas, interessada no ponto de vista dos sujeitos pesquisados. Aí começa sua problemática. A questão da representação - em que medida os achados da pesquisa correspondem à realidade do grupo pesquisado - revolve discussões epistemológicas acerca do binômio verdadeiro/falso. (WIELEWICKI, 2011, p. 28)

NÃO É POR 20 CENTAVOS, É POR DIREITOS!

Era junho de 2013. A pouco havia retornado de mais um Congresso da União Nacional dos Estudantes, a UNE. Foi o primeiro encontro de estudantes que presenciei. A situação do Brasil, os desafios dos estudantes brasileiros, as novas políticas de acesso como PROUNI, REUNI e FIES, os desafios do movimento estudantil e o papel da UNE, foram discutidos no evento.

- Eu pago, não deveria, educação não é mercadoria! – era a palavra de ordem dita no encontro com o Ministro da Educação durante o congresso. As ideias para mudar o Brasil estavam na cabeça e prontas para serem postas em prática.

Em meados de junho, os jornais e boletins informativos na TV foram invadidos com as notícias dizendo que milhares de pessoas saíram às ruas contra o aumento da passagem



em São Paulo. “Não é por 0,20 centavos, é por direitos!” dizia a campanha. A pauta do “Passe Livre” também foi um dos fatores que fizeram a mobilização. Devo dizer que fiquei impressionado com a quantidade de pessoas nas ruas da capital paulista. Como todos os atos, a repressão policial também foi marcante e exposta na mídia, especialmente as mídias alternativas que tem atuação nas redes sociais.

Inspirados e seguindo o exemplo de São Paulo, logo os atos invadiram as capitais do país. Rio de Janeiro, Brasília, Salvador, Porto Alegre... Milhares invadiam as ruas.

Na minha habitual ronda nas redes sociais, vi uma notificação que me convidava para um evento. “Belém Livre” era o título. Entre as pautas de luta, estavam os questionamentos sobre o *Bus Rapid Transit*, o BRT, que na época, estava no começo e gerava polêmica na população de Belém. Outra pauta, seguindo o “modelo” das outras capitais, foi o Passe Livre para os estudantes. Centenas de pessoas confirmaram presença no evento e 13 mil pessoas invadiram as ruas de Belém no dia 17 de junho de 2013, em sua maioria, jovens. O grito “Vem pra rua!” ecoou pela principal avenida de acesso à Belém. A manifestação foi pacífica, sem confronto ou enfrentamento com a polícia. Outras manifestações foram marcadas, usando sempre como mobilização, as redes sociais, sobretudo o *Facebook*. O que me chamou atenção foi que durante as mobilizações e os debates acalorados nas redes sociais, uma palavra de ordem que virou uma “lei” nos atos foi “Sem partido!”. Em uma enquete realizada nas redes sociais, grande maioria rechaçou bandeiras partidárias nos atos, usando muitas da agressão verbal aos partidários. Para SANTOS, BRITO e STEINBRENNER (2013), no contexto das manifestações de junho de 2013, os partidos políticos, os sindicatos e as organizações tradicionais do movimento social, eram vistas pelos jovens como modelos que não são capazes de alcançar os anseios da juventude. Para evitar qualquer confronto durante o ato, os partidos de esquerda e as organizações do movimento social não levaram as suas bandeiras. Notava-se também, que o ato se deu de forma muito espontânea e a coordenação que puxou a passeata considerava-se independente.

Após o ato, em reunião com a entidade estudantil que sou dirigente, um questionamento foi levantado por nós “Essa realmente foi uma manifestação por direitos ou há outros interesses por trás dela?”.

O SEGUNTO ATO



Nos dias seguintes, o debate a cerca de uma nova manifestação foram iniciados. Reunidos na Praça da República, no centro de Belém, uma assembleia foi realizada para discutir as prováveis rotas para realização de um novo ato. Dessa vez, decidiu-se pela saída do bairro de São Braz, rumo à sede da prefeitura de Belém. A organização do ato ainda estava sob a coordenação de um grupo independente. Bandeiras partidárias mais uma vez foram banidas, porém, alguns movimentos levaram suas bandeiras, como o PSOL e o PSTU, que foram hostilizados. Ouvia-se “Sem partido, sem partido!”, em vários pontos do trajeto. Nacionalmente, PSOL e PSTU foram acusados de tentarem tomar a frente dos protestos e foram hostilizados também nas outras capitais como São Paulo e Rio de Janeiro. Alguns sindicatos e organização de juventude levaram bandeiras e não foram hostilizados.

Segundo CHAUI (2013) partidos como PSOL e o PSTU não têm representatividade, pois são pequenos e a atuação desses partidos dentro das manifestações de junho foi uma tentativa de se apropriar de manifestações que não conseguiriam fazer sozinhos.

Já próximo à prefeitura um clima tenso começou a tomar conta da manifestação. Alguns grupos diziam “Vamos invadir a prefeitura!” ou mesmo ameaçavam lançar pedras ou coquetéis *molotov*. Chegando a prefeitura, um pequeno grupo de pessoas começou um confronto com a polícia. Balas de borracha, bombas de efeito moral e spray de pimenta foram lançados nos manifestantes.

- Parem, parem! Estamos aqui de forma pacífica! – gritava um manifestante.

Porém, um grupo de radicais com símbolos do anarquismo estampados em camisetas, continuavam o confronto com a Guarda Municipal. Pessoas corriam para todos os cantos sem saber pra que lado seguir. As ruas próximas à prefeitura onde fica o centro comercial de Belém foram invadidas por diversas pessoas que procuravam abrigo. Lojas que ainda estavam abertas fecharam rapidamente para evitar depredações. Mesmo os que estavam ali de forma pacífica, inclusive mulheres, crianças e idosos foram atingidos. Pouco depois de chegar à frente da prefeitura, o protesto acabou.

O TERCEIRO ATO

Após calorosas discussões sobre o futuro dos atos realizados em Belém e da repressão por próprios manifestantes, as forças políticas de esquerda resolveram seguir em um ato próprio, sem o viés “independente” que tanto foi pregado nos atos anteriores. Os organizadores dos últimos atos perderam o rumo após o confronto com a Guarda



Municipal. Sem um norte, os atos estavam fadados ao fracasso. Avaliamos que era necessário não apenas ir às ruas, mas ter uma pauta de lutas sólida e que pudéssemos entregar à prefeitura, as nossas reivindicações. Elaboramos um documento em conjunto, que tinha como principal reivindicação, o congelamento dos preços das passagens e o passe livre estudantil. Sabendo da nossa organização “paralela”, os organizadores do primeiro ato resolveram unificar a passeata. Organizações de juventude, sindicatos e o movimento social se organizaram para o terceiro ato, que saiu do bairro de Nazaré. A diferença deste para os outros, é que tínhamos um documento em mãos e as entidades como União Metropolitana dos Estudantes Secundaristas (UMES), União Brasileira dos Estudantes Secundaristas (UBES) e a União Nacional dos Estudantes (UNE) estiveram na linha de frente do ato, dando as coordenadas necessárias. No decorrer do trajeto, um grupo de anarquistas tentava a todo o momento implodir o ato, soltando rojões, que não tiveram efeito nos manifestantes. Ainda se ouvia os gritos de “Sem partido!”, mas eram tímidos. Já na frente da prefeitura, conseguimos nos posicionar a frente do prédio controlando manifestantes para evitar tumultos que pudessem gerar brigas. Ali, entregaríamos ao prefeito o nosso documento. Ao sair da prefeitura, o prefeito posicionou-se em frente ao prédio para falar com a imprensa. Um alvoroço foi criado e grupos anarquistas tentaram jogar objetos no prefeito, que entrou rapidamente no prédio da prefeitura com a ajuda da Guarda. Mais uma vez a situação ficou crítica. Anarquistas e outros independentes, de forma infantil, começaram a tentar invadir a prefeitura. Estávamos na frente e logo fomos obrigados a nos afastar devido a ameaças de sermos agredidos. Minutos depois um garoto com uma camisa no rosto correu e chutou o escudo de um Guarda na porta da prefeitura. O resultado foi inevitável. Pedras, objetos de madeira e tudo o que era encontrado na rua foi jogado no prédio. Bombas de efeito moral eram lançadas a todo tempo, inclusive com o auxílio de um helicóptero da Guarda que intensificou ainda mais a repressão. Dessa vez o efetivo da Guarda foi maior e contava com um aparato de armas muito grande. Balas de borracha eram atiradas quase a todo minuto. Os Guardas, ao contrário das outras passeatas, dessa vez perseguiram os manifestantes até nas ruas próximas a prefeitura. Até mesmo os Policiais Militares eram vistos tentando afastar a fumaça que saía das bombas e vi uma soldada sendo carregada. Um estrondo em umas das ruas foi ouvido. Minutos depois um grupo de pessoas carregava uma mulher em uma maca improvisada. Era a gari Cleonice Vieira, de 54 anos. A trabalhadora faleceu após passar mal com os efeitos da bomba de



efeito moral que explodiu próximo a ela. Um clima de luto tomou conta dos manifestantes. O ato havia acabado.

CENTRAIS SINDICAIS A FRENTE

Após vários atos sem sucesso, as centrais sindicais do Brasil resolveram se organizar. A CUT, CTB, Força Sindical e outras entidades sindicais se uniram a favor de uma unidade na luta, marchando com trabalhadores, jovens e demais entidades do movimento social. Partidos de esquerda que compõem o governo federal e partidos de esquerda de oposição, estavam juntos em uma grande passeata que aconteceu em julho de 2013, em torno de várias pautas unificadas, como o Passe Livre estudantil, garantia da carga horária de trabalho de 40h sem a redução do salário do trabalhador, contra o extermínio da juventude negra, democratização dos meios de comunicação e outras pautas. Em Belém, a passeata reuniu centenas de pessoas, agora com um cenário diferente: o movimento social organizado estava na rua!

O momento mais crucial pra mim foi subir no trio elétrico que puxava o ato. Nunca havia feito uma fala no trio. Dali fiquei impressionado com a quantidade de pessoas e bandeiras presentes no ato. Fiquei trêmulo, mas fiz uma fala empolgada em nome da UNE. Entregamos um documento direto ao prefeito de Belém e outro na Secretaria Estadual de Administração. Não ocorreram brigas e o ato terminou com sucesso.

O GIGANTE QUE NUNCA DORMIU

Uma frase muito presente em todos os atos organizados pelos independentes foi “O gigante acordou” fazendo referência ao povo que estava “de volta” às ruas. No meio intelectual, entre dirigentes partidários, líderes políticos e professores, certo medo de espalhou. Em 1964, em um comercial de televisão, um gigante aparecia se levantando entre montanhas. Logo depois, nas ruas, a Marcha da Família com Deus pela Liberdade reuniu milhares e ali, era lançada a “pedra fundamental” do Golpe Militar. Assim como na década de 1960, em junho de 2013 as pessoas usavam branco e a todo tempo cantavam o Hino Nacional, além de terem nas costas a bandeira do Brasil. Nacionalismo exacerbado e repressão a partidos políticos também foram marcas da Ditadura Militar. Confesso que entre esses debates, a juventude ficava aflita, inclusive eu. Seriam aqueles atos um possível golpe armado para tomar o Governo Federal assim



como em 1964? Após a calmaria das manifestações, os temores de um possível golpe se atenuaram.

As forças políticas de esquerda, sobretudo através das redes sociais, difundiram a ideia de que o gigante nunca dormiu. De fato, o movimento social nunca esteve parado. Passeatas e manifestações são organizadas todos os anos por entidades que representam jovens e trabalhadores. Como exemplo, uma passeata com mais de mil pessoas em agosto de 2012 que tomou as ruas de Belém e que a mídia local fez questão de dizer que havia pouco mais de cem pessoas. Nunca paramos de sair às ruas ou de enfrentar a fúria da Polícia e da Guarda Municipal. Sempre estivemos em atividade. O incrível foi ver que pessoas que estavam “dormindo”, nunca perceberam que o tal ‘gigante’ sempre esteve nas ruas. É válido lembrar que apenas quando as centrais sindicais tomaram a frente dos atos, obtivemos resultado. Porém, não nego o legado que as manifestações de junho de 2013 deixaram. Ver o povo em massa nas ruas foi incrível. Porém, é necessário frisar que esses protestos tiveram a participação e o provável financiamento de grupos de oposição ao Governo Federal, muitos deles de extrema direita.

Seja nas Diretas Já, no Fora Collor ou hoje, na luta pelos 10% do PIB para educação, o movimento social está presente. É esse gigante que move as principais lutas e batalhas travadas ao lado do povo. Nós somos o ‘gigante’ e ele jamais parou para descansar.

REFERÊNCIAS

WIELEWICKI, Vera Helena Gomes. A pesquisa etnográfica como construção discursiva. *Acta Scientiarum*, Maringá, v.23, n. 1, p. 27-32, 2001.

SANTOS, Joice; BRITO, Rosaly; STEINBRENNER, Rosane. Política, juventude e rede #vempruarua em Belém. In: II COLÓQUIO SEMIÓTICA DAS MÍDIAS, 2., 2013, Alagoas. Anais do colóquio. Japaratinga: Ciesco, 2013. p. 1 – 18. Disponível em <http://ciseco.org.br/anaisdocoloquio/images/csm2/CSM2_JoiceRosalyRosane1.pdf>

Acesso em 13.03.2013

CHAUÍ, Marilena. Pela responsabilidade intelectual e política: Marilena Chauí fala das manifestações de 2013, de suas críticas ao PT e da irresponsabilidade de intelectuais e políticos brasileiros. [ENTREVISTA] *Cult*, v.182, p. 7 - 13, agos., 2013.



G1 Pará: Manifestação em Belém reuniu mais de 13 mil pessoas, diz Polícia Militar. Belém, 17/06/2013. Disponível em <<http://g1.globo.com/pa/para/noticia/2013/06/manifestacao-em-belem-reuniu-10-mil-pessoas-diz-policia-militar.html>> Acesso em 22.03.2014

G1 Pará: Tropa de choque da PM chega na prefeitura para dispersar grupo. Belém, 20/06/2013. Disponível em <<http://g1.globo.com/pa/para/noticia/2013/06/tropa-de-choque-da-pm-chega-na-prefeitura-para-dispersar-grupo.html>> Acesso em 22.03.2014

G1 Pará: Gari morre após manifestação em Belém. Belém, 21/06/2013. Disponível em <<http://g1.globo.com/pa/para/noticia/2013/06/gari-morre-apos-manifestacao-em-belem.html>> Acesso em 22.03.2014

Estadão: Manifestações tem quase 1 protesto por hora e atinge 353 cidade. São Paulo, 29/06/2013. Disponível em <<http://www.estadao.com.br/noticias/nacional,epidemia-de-manifestacoes-tem-quase-1-protesto-por-hora-e-atinge-353-cidades,1048461,0.htm>> Acesso em 22.03.2014